

O ESTUDO DA LÍNGUA DE SINAIS NA SOCIEDADE

BRITA BERGMAN

Na Suécia, a pesquisa sobre a língua de sinais contribuiu para melhorar o “status” da língua de sinais sueca e, portanto, a situação das pessoas surdas. A Suécia é o país líder mundial no que concerne ao reconhecimento oficial da língua de sinais usada pela comunidade surda. Acredito ser esta a razão pela qual o comitê do programa de “O Caminho do Surdo” sugeriu o título “O Estudo da Língua de Sinais na Sociedade” para esta apresentação. Estamos felizes e orgulhosos por termos sido convidados para esta conferência e por nos ter sido dada a oportunidade de informar-lhes a respeito do recente desenvolvimento na Suécia.

Usaremos o nosso tempo, hoje de manhã, do seguinte modo: O Sr. Lars Wallin apresentará uma descrição da bem-sucedida luta pelo total desenvolvimento da Língua de Sinais Sueca, levada a efeito pela Organização Nacional Sueca do Surdo e das mudanças que surgiram tanto para a comunidade dos Surdos como para a sociedade sueca ouvinte. Primeiramente, darei as bases deste desenvolvimento, principiando por apresentar-lhes o conceito de língua e, em seguida, focalizando a língua de sinais. Assim procedendo, tratarei de algumas concepções errôneas, a respeito da língua de sinais com as quais tive contato no início dos anos 70, quando se iniciava o

estudo da língua de sinais em nosso país; dar-lhes-ei exemplos do que agora se conhece acerca da língua de sinais.

Entretanto, antes de continuar, gostaria de focalizar dois “slides”: o primeiro mostra a localização da Suécia na Europa Setentrional; o outro mostra um sueco. A Suécia é um dos países escandinavos, mais ou menos do tamanho da Califórnia, com uma população aproximada de cerca de 8.000.000 de pessoas; 8.000 surdos aproximadamente (1 por mil). Há 5 escolas para surdos.

Na Suécia, podemos ver um crescente interesse pela língua de sinais tanto por parte dos ouvintes em geral, como também, por parte de sinalizadores surdos e ouvintes em particular. Duvido que os usuários de outras línguas sejam mais ávidos de aprender suas respectivas línguas do que os sinalizadores. Afinal, pode-se questionar que não há nada muito especial acerca da língua de sinais. A língua de sinais sueca é uma língua como outra qualquer, isto é, uma língua que evoluiu naturalmente pela necessidade que os seres humanos têm de comunicar-se uns com os outros. Ela está ligada às vidas dos seus usuários e reflete a cultura na qual ela é usada. Tem o seu próprio vocabulário e a sua própria gramática. Tem uma estrutura tão complexa e rica como qualquer outra língua humana.

É certo que falta à língua de sinais uma forma escrita mas, muitas línguas faladas no mundo também disso carecem. É também certo que a língua de sinais não é língua oficial de nenhuma nação; mas, há muitas línguas que também não o são. Há, entretanto, um aspecto da língua de sinais que é especial: ela é língua sinalizada, não falada. Há, portanto, dois tipos de línguas naturais humanas, quanto à sua produção e percepção: a língua de sinais pode ser caracterizada como sendo um tipo de língua gesto-visual; a língua falada, como do tipo vocal-auditiva.

Uma vez que as pessoas ouvintes são a maioria e constituem o poder, a língua falada é vista como a única forma verdadeira de língua. Já a língua dos surdos (a minoria) é tida como um sistema insuficiente de comunicação, não uma língua

real e completa, sendo ainda assim em muitos países. O preconceito e a ignorância fizeram com que a língua de sinais fosse oprimida por aqueles que se encontram no poder. Sabemos que a opressão chegou ao ponto de a excluir das escolas, não apenas como matéria curricular, mas, também, como meio de comunicação. A exclusão da língua de sinais dos meios de educação fez com que os próprios surdos achassem a língua de sinais inferior à língua falada. Nada poderia ser mais errado. Elas podem ser diferentes, mas têm o mesmo valor e preenchem as mesmas tarefas de comunicação.

No que diz respeito às línguas oficialmente aceitas, costuma-se dizer que é necessário estudá-las não apenas com o propósito de aprender uma determinada língua, mas, também, no sentido de que devemos aprofundar-nos a respeito da linguagem humana em geral. No que tange às línguas oprimidas, posso visualizar um novo propósito para estudá-las: o conhecimento a seu respeito é uma arma poderosa na luta contra a atitude humilhante para com a língua de sinais. Os resultados da pesquisa são úteis para que se atinja o reconhecimento total da língua de sinais e, portanto, das pessoas surdas e de sua cultura. E é nisto que estivemos trabalhando ativamente desde o início do estudo da língua de sinais na Suécia. E para isto muito contribuiu a pesquisa sobre a língua de sinais.

LÍNGUA

Um modo de caracterizar a língua é descrevê-la como um instrumento de comunicação. Tal caracterização enfatiza qual o uso da língua e pode conter afirmações do tipo: “a língua é usada para expressar pensamentos e sentimentos” e “a língua é usada para transmitir a outras gerações cultura e história”. Um outro modo de caracterizar a língua é descrevê-la no que toca à sua apresentação, isto é, descrever sua estrutura. E este é o ponto no qual me deterei a seguir.

Num sentido amplo, podemos dizer que a língua consiste de duas partes: uma léxica e uma gramatical. Imaginemos uma

pessoa que pretenda aprender uma nova língua. A tarefa a que ela se propõe é dupla: deverá aprender os símbolos da língua, isto é, partes do vocabulário ou léxico, como também é chamada. Mas, mesmo que venha a aprender cada signo da língua ou palavra, isto não será suficiente, uma vez que não saberá como usá-los. Ela deverá também aprender as regras para combinar as diversas palavras em frases e sentenças, isto é, deverá aprender a sua gramática. E é o que a criança faz quando adquire a sua primeira língua. Se ela crescer num ambiente onde for usada a língua de sinais, se for surda, adquirirá a língua sinalizada; se for ouvinte, aprenderá uma língua falada e/ou sinalizada. Isto ainda surpreende os lingüistas: o fato de que a criança aprende, espontaneamente, sem que lhe tenha sido ensinado, sugere que os seres humanos têm a capacidade inata para adquirir a linguagem, isto é, fomos pré-programados para a aquisição da linguagem.

A tarefa do lingüista é semelhante à da criança, embora a finalidade principal do pesquisador não seja a de aprender a língua, mas a de analisá-la e descrevê-la. Contudo, enquanto a criança domina a sua primeira língua em dois anos, o lingüista não é capaz de descrever completamente uma língua em seu período de vida. Comparado à criança, o pesquisador parece ter uma capacidade muito limitada para compreender a linguagem humana, uma vez que nenhuma língua está completamente compreendida e descrita. Se nós tivéssemos de fato uma descrição satisfatória de algumas línguas, estaríamos muito próximos de termos máquinas de tradução. Seríamos, então, capazes de dizer a um computador para traduzir, por exemplo, do inglês escrito para o francês escrito; contudo, não sabemos que instruções devemos dar ao computador.

A razão pela qual eu me detenho nestas considerações gerais é que gostaria que vocês ficassem tão impressionados pela complexidade da linguagem e pela nossa capacidade em adquiri-la, como os lingüistas estão. Qualquer um que tenha aprendido uma língua, seja ela língua falada ou sinalizada,

desempenhou um ato extremamente complexo e abstrato e tem razões para sentir-se orgulhoso de suas habilidades.

Saber uma língua implica em saber sua gramática, uma vez que você se atém a suas regras sempre que se comunica em tal língua. Às vezes, observando um sinalizador, mais ou menos, inconscientemente, observamos que a pessoa não “faz os sinais como um surdo”. Ao proceder assim, é a sua gramática interior que reagiu contra a sinalização não gramatical. Isto mostra que sabemos a gramática da nossa própria língua, independente de sabermos ou não descrever as regras.

LÉXICO

Dois fatores devem ser levados em consideração ao adquirir-se ou estudar sinais: a forma e o significado. A forma é o que se vê e à qual um determinado conteúdo é associado, isto é, o significado do signo. Ao olharmos uma pessoa que se utiliza de uma língua de sinais estrangeira, veremos as formas, os movimentos, mas não a compreenderemos porque não sabemos que significados estão associados a tais formas e movimentos.

O que existe de mais óbvio acerca da forma dos sinais é que eles consistem de movimentos executados por uma ou duas mãos sobre o corpo do sinalizador ou no espaço em frente a ele. Com relação a línguas de sinais estudadas até agora, observou-se que os sinais de uma determinada língua podem ser analisados dentro de um pequeno conjunto de blocos de construção, tais como um limitado número de formatos de mão, movimentos e posições. Observou-se também que tais blocos podem diferir de uma língua para outra. Por exemplo: a língua de sinais inglesa e a língua de sinais dinamarquesa têm um formato de mão no qual o dedo indicador e o dedo mínimo estendem-se a partir do pulso, configuração esta não encontrada na língua de sinais sueca.

Uma outra característica talvez menos óbvia da forma do sinal é que muitos deles, em adição ao componente manual,

requerem um componente facial. Demonstrarei dois destes sinais, cujo significado é “estar irritado” e “existir” ou “ter”. Todos os exemplos que usarei são da língua de sinais sueca. Para cada demonstração, darei primeiro uma tradução do sinal ou da frase e, em seguida, farei o sinal duas vezes. Os exemplos são escolhidos de modo a tornar fácil uma equivalência em suas próprias línguas de sinais.

1) Estar Irritado, Existir

Os movimentos de boca para estes sinais não são tirados do sueco falado; são movimentos genuínos da língua de sinais e constituem uma parte obrigatória do sinal. O movimento da boca em tais sinais não tem qualquer significado por si só, mas existem outros movimentos faciais que realmente têm um significado. Nos exemplos seguintes, a parte manual dos sinais é muito semelhante, dois deles, quase que idênticos, têm os componentes faciais diferentes na forma e no significado. Os dois primeiros sinais significam “grande ou muito” e “pequeno ou pouco”. O último significa “muito acerca disto” e, aqui, a fixação do olho é uma parte necessária — o olhar é dirigido em direção à mão.

2) Grande, Pequeno, Isto-muito

Os sinais que acabei de fazer mostram que a língua de sinais não é apenas uma linguagem das mãos. Outras partes do corpo participam na produção da língua. Mais tarde, veremos como os componentes faciais são uma parte necessária da gramática da língua de sinais.

O significado de um sinal é mais difícil de ser descrito do que de ser feito. O significado não é algo que você possa escolher e dar uma olhada; significado é um fenômeno completamente abstrato. Gostaria de enfatizar: os sinais têm seu próprio significado; eles são símbolos com autonomia; não são símbolos para palavras, nem estão atados ou dependentes das palavras de uma língua falada.

A língua de sinais sueca e o sueco são duas línguas

diferentes e, portanto, é perfeitamente natural você achar que sinais e palavras não tenham significados idênticos. Um sinal pode requerer várias palavras para sua respectiva tradução em sueco e vice-versa; uma palavra pode requerer vários sinais para sua tradução em língua de sinais. Exemplo no qual “não combinação” entre sinais e palavras é o seguinte: a língua de sinais sueca tem dois sinais que normalmente traduzem “surdo”. O primeiro significa realmente “surdo, sem ouvir” (um termo médico) e não é tão freqüente quanto o segundo, que significa algo como o (não ouvinte) membro da comunidade surda, uma pessoa que usa a língua de sinais (um termo lingüista, sócio-cultural).

3) Surdo, Surdo/Mudo

O fato de que sinais e palavras são tipos diferentes de símbolos e de que não têm significados idênticos tem sido mal interpretado e leva à concepção de que a língua de sinais é deficiente. Em muitos países, tal interpretação chegou a formar comitês a fim de “melhorar” a língua de sinais, isto é, de fazê-la mais de acordo com a língua falada. Isto aconteceu na Suécia, no início dos anos 70. Que eu saiba, ninguém sugeriu que houvesse qualquer coisa de errado com a língua falada e que esta necessitasse de melhorias.

MORFOLOGIA

Pode-se pensar que os sinais sempre aparecem com a mesma forma, mas não é bem assim. Os sinais mudam a sua forma por várias razões. Algumas modificações são simplesmente acidentais e não afetam o significado do sinal, como por exemplo, quando uma das mãos está ocupada e o sinal é feito apenas com uma. Isto, naturalmente, modifica radicalmente a forma de muitos sinais, mas eles são ainda percebidos como os “mesmos” sinais, como se ambas as mãos tivessem sido usadas.

Há, contudo, outras modificações de formação que realmente afetam o significado do sinal. O estudo de tais padrões

de recorrência de formação dos sinais é denominado morfologia e é um dos sistemas de regras na gramática de uma língua.

Os dois sinais que se seguem, significando “surdo” e “zangado” podem sofrer a mesma modificação de formação, na qual a mão muda sua orientação no início do sinal, mantém-se aí por um instante e, em seguida, completa o movimento com rapidez. Convém notar também o movimento da cabeça. A mudança de significado é a mesma em ambos os sinais: — adiciona ao significado básico algo como “muito”.

4) Surdo-Muito Surdo, Zangado-Muito Zangado

A forma de alguns sinais pode sofrer modificação de direção. Nos dois verbos seguintes que significam “influenciar” e “apanhar”, as mãos normalmente afastam-se do corpo do sinalizador. Quando direcionalmente modificados para um movimento dirigido em direção ao corpo do sinalizador significam “ser influenciado” e “ser apanhado”.

<i>5) Influenciar – Para Fora</i>	<i>Ser Influenciado – Para Dentro</i>
<i>Apanhar – Para Fora</i>	<i>Ser Apanhado – Para Dentro</i>

Há também sinais de um tipo morfológico completamente diferente — sinais com uma estrutura muito complexa. Em tais sinais, cada bloco de construção parece ter um significado próprio e o sinalizador, trocando uma parte da forma por uma outra, pode alterar o significado de modos sistemáticos e governados por lei. O primeiro sinal que mostrarei agora para vocês significa algo como “ser de duas pernas situado próximo a objeto bidimensional” e pode ser usado para expressar que uma pessoa está em pé junto a um carro. O segundo sinal significa “duas pessoas sentadas próximas uma da outra em frente a uma terceira pessoa”.

SINTAXE

Um outro tipo de regras existente numa língua refere-se às regras de formação de frases — o seu estudo é chamado de

sintaxe. Assim como todas as línguas têm o seu próprio léxico, todas têm também as suas próprias regras de sintaxe. E também com relação a isto, a língua de sinais sueca costuma ser comparada ao sueco, o que leva a afirmações do tipo “a língua de sinais não tem gramática”, “a língua de sinais é telegráfica”, “a língua de sinais é sueco simplificado”. O inglês também é diferente do sueco. Devemos, então, concluir que o inglês é nada mais que mau sueco? Não, claro que não. É um absurdo, tal como o é a suposição de que uma língua sinalizada seja uma forma simplificada e não gramatical de uma língua falada.

Ao falar da sintaxe da língua de sinais, quero chamar a atenção de vocês para o uso das expressões faciais; uma razão para isto é o fato de tais expressões constituírem um dos aspectos mal compreendidos da comunicação na língua de sinais; outra razão é a de que tais expressões são uma das chaves para a gramática da língua de sinais.

Não há muito tempo que se determinou que no currículo das escolas para surdos na Suécia deveria ser ensinado aos estudantes como usar mais cuidadosa e claramente as expressões faciais. Isto surgiu da seguinte observação: quando sinalizando entre si, as crianças surdas usavam expressões faciais em maior quantidade do que quando se comunicavam com ouvintes, isto é, faziam caretas; acreditava-se que a criança surda, precisando de uma língua completa, abusava do uso de expressões faciais.

De qualquer maneira, o uso de diferentes expressões faciais é crucial para a gramática da língua de sinais. Observem estas duas frases: a primeira é uma frase declarativa, significando “ele é surdo” e a segunda é uma pergunta e quer dizer “ele é surdo?”.

Vocês devem ter notado que ambas as frases contêm os mesmos dois sinais na mesma ordem. O que as distingue é fundamentalmente a expressão facial. A frase declarativa tem uma expressão mais neutra e a pergunta tem uma elevação da sobrancelha. Se as sobrancelhas não foram levantadas, o sinalizador não produziu uma frase interrogativa bem formada.

Uma outra diferença é que a duração do último sinal na pergunta é maior do que na frase declarativa.

Há também outros tipos de perguntas, usando-se outros tipos de sinais faciais, tal como o abaixamento das sobrancelhas.

Um outro exemplo mais complicado do uso de sinais específicos no rosto é a oração relativa. A frase que vou sinalizar significa: “os dois meninos que apanharam o ladrão são surdos”. Os quatro primeiros sinais na frase são acompanhados pelos seguintes sinais faciais: sobrancelhas erguidas, bochechas levantadas e o queixo retraído; no seu conjunto eles marcam a frase como uma oração relativa na língua de sinais sueca. É necessário usar esta expressão facial característica para que a frase seja aceita.

Tendo em vista o que acabo de dizer, é óbvio que os sinalizadores devem usar o seu rosto a fim de produzirem frases gramaticais. Não compete a um determinado sinalizador decidir que expressão usar; o seu uso é prescrito pelas regras de sintaxe da língua. Assim, quando foram feitas tentativas no sentido de ensinar crianças surdas a não usarem expressões faciais, estava-se, na realidade, ensinando-as a não usarem a língua de sinais gramatical, mas a usarem uma língua quebrada e menos inteligível.

Você provavelmente já notou que alguns intérpretes lêem com mais facilidade do que outros; você pode relaxar e simplesmente pegar o conteúdo. Diz-se que tais intérpretes têm uma língua de sinais viva e um modo de desempenho ativo de gestos. Isto pode ser verdade, mas o que provavelmente deve constituir o seu gesto mais característico de sinalização é que simplesmente eles devem usar os sinais gramaticais requeridos.

Uma outra tarefa para o estudo da língua de sinais, ou melhor dizendo, da sua sintaxe, consiste em encontrar as regras que governam a ordem dos sinais nas frases na língua de sinais. Não vou tratar de tal assunto aqui; uma das razões é o fato de que tais regras podem ser para uma língua mais

específica e a outra é por estar tentando não ser demasiadamente técnica.

Gostaria, entretanto, de enfatizar que existem regras e que não é possível produzir sinais ao acaso. Somente algumas combinações são produções gramaticais e aceitáveis na língua de sinais. Exemplo: se você utilizar uma língua falada e reforçar sua fala com sinais, você violará as regras da língua de sinais e o resultado serão frases não gramaticais da língua de sinais. As sinalizações faciais gramaticais também tendem a desaparecer. Esta é a razão de ser difícil e, algumas vezes, até mesmo impossível, compreender tal uso de sinais.

Nos primeiros anos da década de 70, a Associação Nacional Sueca do Surdo (SDR) defendeu intensamente um sistema sob o nome de Sueco Sinalizado. Espalhou-se através do número rapidamente crescente de programas de língua de sinais e o único modo de sinalizar foi ensinado às pessoas surdas. O treinamento de intérpretes foi iniciado durante o mesmo período e foram treinados intérpretes para usar apenas sueco sinalizado. Alguns de vocês podem ter sentido tal sistema como sendo extremamente cansativo para ler e muito difícil de acompanhar durante longos períodos de tempo. Mas, no decurso dos anos 70, a maior parte dos que se utilizavam de intérpretes surdos não admitiam abertamente que fosse difícil compreender o sueco sinalizado. Contudo, por se tratar de um sistema que pretendia imitar o sueco, os intérpretes continuaram a usá-lo.

Disto depreende-se que, durante os anos 70, até mesmo a organização do surdo tomou parte ativa na opressão da língua da comunidade surda sueca, embora a maior parte das pessoas surdas nunca tenha mudado o seu próprio modo de sinalizar. Foi principalmente ouvindo as pessoas aprenderem a língua de sinais que elas foram levadas a usar este novo sistema. Elas não foram informadas a respeito de um outro modo de sinalizar — uma língua de sinais real — e não entendiam por que não eram capazes de se comunicarem muito bem com os sinalizadores surdos. Muitos sinalizadores

surdos tinham a sensação de que não sabiam a sua própria língua e desculpavam-se pela sua sinalização. Foi uma época de grande confusão.

Uma das principais conquistas da pesquisa sobre a língua de sinais na Suécia, acredito, foi a SDR ter finalmente notado os resultados da pesquisa e parado de defender o sueco sinalizado. Admiro os líderes da organização pela coragem de admitir que estavam errados e por mudarem as diretrizes. A SDR não defende mais o sueco sinalizado, mas, a língua de sinais sueca.

Uma das pessoas surdas mais respeitadas na Suécia, o Dr. Lais Kruth, que é Doutor Honorário da Universidade de Estocolmo, disse, em certa ocasião, que foi graças à pesquisa da língua de sinais que os surdos, na Suécia, descobriram o quanto amavam a sua língua. Não posso pensar em um melhor resultado quanto ao estudo da língua de sinais do que o de ter contribuído para mudar a atitude dos surdos para com a língua de sinais — mudança esta que vai desde o sentimento de inferioridade ao do orgulho da língua.

Antes de concluir, gostaria de mencionar apenas um resultado bastante concreto da pesquisa sobre a língua de sinais: atualmente existe na Universidade de Estocolmo um departamento da língua de sinais dentro do Instituto de Linguística. E mais, o “Staff” do Departamento da Língua de Sinais consiste de oito pessoas, das quais cinco são surdas. A língua de sinais existe como disciplina acadêmica, em pé de igualdade com línguas como o sueco, o francês, o inglês e o russo. Os surdos podem estudar a língua de sinais em qualquer nível de graduação e os estudantes surdos podem obter um grau de doutor em língua de sinais.

A fim de tornar a situação tão favorável quanto possível aos estudantes surdos, as conferências são feitas em língua de sinais. Apenas estudantes surdos são aceitos nestes grupos e toda a comunicação é feita em língua de sinais. O sueco ou o sueco sinalizado não é aceito.

O ano passado, também iniciamos programas em língua

de sinais para estudantes ouvintes e há, também, um curso avançado para intérpretes de língua de sinais.

Em acréscimo aos programas pelos quais somos responsáveis, continuamos a estudar a língua de sinais. Isto é de suma importância, uma vez que a pesquisa é a base sobre a qual o nosso trabalho repousa e é necessária para um desenvolvimento continuado no futuro.

Concluindo: falei a respeito da língua de sinais e de sua estrutura e acerca de alguns dos conceitos errôneos por trás da opressão da língua de sinais. Mencionei também a implantação da língua de sinais como disciplina acadêmica na Universidade de Estocolmo. Deixarei, agora, o lugar para o meu colega do Departamento de Língua de Sinais, Mr. Lars Wallin, que falará sobre o desenvolvimento recente na Suécia.

Enquanto eu falei principalmente sob o ponto de vista do lingüista, Mr. Wallin falará sob o ponto de vista da comunidade surda.

Tradução do inglês: José Humberto Serra de Oliveira

Nota da Comissão de Publicação:

Lamentamos não ser possível incluir as fotos que tanto auxiliariam a compreensão do texto.

O ESTUDO DA LÍNGUA DE SINAIS NA SOCIEDADE

Parte Dois: LARS WALLIN

Descriverei aqui a importância que os estudos da língua de sinais, assim como alguns outros fatores que mencionarei posteriormente, teve para o desenvolvimento positivo dos surdos na Suécia, durante os últimos vinte anos. A vida para um surdo tornou-se muito boa ali. Não exagero quando digo que a Suécia tornou-se uma sociedade modelo para as pessoas surdas, em muitos países, ao redor de todo o mundo. Quanto a ser isto correto ou não, a decisão é de vocês, depois que eu lhes tiver informado a respeito da nossa comunidade surda, do que nós conquistamos e de como conquistamos.

A SUÉCIA DE HOJE

Gostaríamos de, primeiramente, enumerar o que nós, na comunidade surda, obtivemos para nós mesmos e o que tornou-se acessível para nós na sociedade.

1969 — Determinação no sentido de termos o direito de prestar serviços livres de impostos.

1969 — Tornou-se realidade uma “escola secundária” própria onde é oferecido o treinamento de intérpretes.

1981 — O primeiro reconhecimento oficial da língua de sinais sueca. Transcrevo uma declaração do Parlamento sobre

Congress “The Deaf Way” – 1989 – WS – D.C.
Traduzido para o inglês por Anna-Lena Nilsson.
Traduzido para o português por José Humberto Serra de Oliveira.

a sua decisão, de acordo com o Boletim Governamental 1980/81: 100, Suplemento 12.

“Esta Comissão determina que o surdo profundo para funcionar tanto entre eles mesmos como em sociedade deve ser bilíngüe. Este bilingüismo, de acordo com a Comissão, significa que os surdos devem ser fluentes em sua língua de sinais visual e gestual e também na língua da sociedade a que pertence: o sueco.”

1983 — É introduzido um novo Currículo Escolar Especial nas Escolas para Surdos/de Audição Prejudicada. Determina que os alunos surdos estudem não apenas o sueco escrito mas também a língua de sinais sueca e que ambas as línguas sejam usadas como línguas de instrução nas escolas para surdos/de audição prejudicada. Determina também que deve ser assegurado aos alunos um desenvolvimento para o bilingüismo.

1989 — Determinação exigindo que candidatos à Escola de Educação para treinamento de professores para surdos/de audição prejudicada tenham conhecimento prévio da língua de sinais sueca.

No quadro de todas as escolas para surdos estão pessoas surdas: existem representantes surdos dentro de várias instituições públicas, isentos de impostos de TTY* ; os serviços prestados por intérpretes da língua de sinais são isentos de impostos, cursos da língua de sinais para ouvintes; a língua de sinais como disciplina acadêmica, tanto no nível básico como no nível superior; nossa própria unidade de produção de vídeo; transmissão na TV nacional de jornais e outros programas em língua de sinais; produção de materiais para a instrução da língua de sinais; um grupo profissional de atores de teatro surdos.

* N. do tradutor do inglês: Não sabemos o significado desta sigla.

Em muitos lugares, exige-se que os membros da Diretoria conheçam a língua de sinais sueca; entre outras estão as instituições para prestação de serviços a cidadãos surdos idosos; as escolas de enfermagem para crianças surdas; várias instituições que cuidam de pessoas surdas com problemas psicológicos ou de outros tipos e, naturalmente, as escolas para surdos.

Quanto a algumas áreas que se referem especificamente a surdos e à língua de sinais, os surdos trabalham como: professores de surdos, professores de escolas de enfermagem, professores universitários, professores de língua de sinais, diretor, psicólogo, assistentes sociais, produtores de TV, atores, conselheiros em questões relativas a clubes de surdos e os seus programas de estudo; guias de recreação para jovens; assistentes de enfermagem para cuidar dos mentalmente retardados, dos surdos idosos com vários tipos de problema; consultores para assuntos referentes ao surdo e ao cego; pesquisadores e assistentes para o desenvolvimento social etc.

A Associação Nacional Sueca do Surdo inicia e toma parte ativa em discussões relativas às crianças surdas e suas famílias, escolas para surdos/e de audição prejudicada — não apenas a escolarização obrigatória, como também estudos posteriores em todos os níveis, treinamento de professores para surdos, centros audiológicos e seu “staff”, publicações psicológicas e sociais relativas ao surdo, o desenvolvimento de mídia e tecnologia, questões concernentes a países desenvolvidos etc. A SDR tornou-se um organismo receptor para o qual relatórios de comitês são enviados para consideração e não podem ser ignorados pela sociedade.

Muitos dos clubes para surdos locais não só organizam o tipo tradicional de reuniões e atividades culturais para os seus associados, como também trabalham politicamente.

AS TRÊS PEDRAS FUNDAMENTAIS

A comunidade surda nunca poderia ter chegado aonde chegou não fossem os três fundamentos do nosso trabalho:

- Pesquisa sobre a Língua de Sinais
- Uma Organização Própria para o Surdo — SDR
- Cooperação com muitas organizações, principalmente a organização para os pais do surdo/ou criança com audição prejudicada.

A PESQUISA SOBRE A LÍNGUA DE SINAIS

Começemos com a pesquisa. A pesquisa forneceu-nos os fatos para provar que a língua de sinais é uma língua tão boa quanto qualquer outra língua. Muitos de nós já havíamos percebido isto durante todo o tempo, mas talvez não tenhamos compreendido que ela é tão rica e complexa como sabemos agora. Durante todos os anos anteriores à reintrodução da língua de sinais (na forma de sueco sinalizado) nas escolas para surdos, durante os últimos anos da década de 60 e início dos anos 70, ela não era de forma alguma considerada como língua. O ponto de vista oralista predominante definia “língua” como um sistema vocal para a comunicação humana, baseado na fala e no som. O oralista ligava língua e pensamento, querendo dizer com isto que para pensar era necessário uma língua — a língua falada. Ora, uma vez que a língua de sinais não se enquadrava na sua definição de língua, a visão do oralista era de que o uso da língua de sinais seria prejudicial para a criança surda, pois não lhe dava um meio de pensar ou era um considerável dano para a capacidade de pensar. A língua de sinais era assim tida como um sistema natural de gestos com nenhuma estrutura própria e com áreas restritas de uso. Considerava-se a representação do concreto como característica destes gestos e eles, portanto, eram considerados como não apropriados para fornecer conceitos abstratos. Tais pontos de vista em conjunto fizeram com que a língua de sinais ficasse afastada da educação do surdo e limitado o seu uso dentro das famílias do surdo, nos clubes para surdos e nos pátios das escolas.

A pesquisa mostrou que a língua de sinais é uma língua adequada, igual a qualquer outra. O Dr. Bergman recente-

mente a descreveu como sendo uma língua com gramática, símbolos e estruturas próprias. A língua de sinais pode preencher todas as necessidades de comunicação de um ser humano e utilizada na aquisição de conhecimentos. A pesquisa também mostrou que o uso da língua de sinais é de importância crucial para o desenvolvimento da criança surda.

Felizmente, a língua de sinais sobreviveu ao longo período da opressão oralista e está agora viva e bem (apoiada pela pesquisa) na Suécia, espalhando alegria de vários modos. Hoje, a língua de sinais ocupa seu lugar natural e central nas vidas de muitas crianças surdas. Através dela, as crianças podem obter respostas a todas as suas inúmeras perguntas e explicações a respeito do que acontece no mundo. Através do uso da língua de sinais, os pais das crianças surdas podem atualmente criar os seus filhos do mesmo modo que qualquer outra criança. Quando os pais, 90 a 95 por cento dos quais são ouvintes, usam a língua de sinais na sua comunicação com o filho surdo/ou de audição prejudicada, a criança vem para o 1.º grau de escolaridade com uma língua, conceitos e conhecimento do mundo que a cerca. Não é a qualidade das habilidades dos pais que importa para o desenvolvimento da criança surda, mas o fato de que eles sinalizam com boa vontade e compreendem a sinalização do seu filho. A atitude para com as crianças surdas e para com a língua de sinais é vital para o desenvolvimento da linguagem. A língua de sinais dar-lhes-á uma base estável para o seu posterior desenvolvimento e para sua autoconfiança. As suas vidas tornar-se-ão cada vez mais semelhantes às vidas das crianças ouvintes.

O contato e a comunicação entre pessoas surdas e ouvintes foram grandemente facilitados. Através dos intérpretes da língua de sinais podemos tornar nossa opinião conhecida mais facilmente para a sociedade e podemos também fazer uso de tudo que a sociedade tem a oferecer. Atualmente, muito mais informações educativas estão acessíveis às pessoas surdas.

Uma outra ocorrência positiva é o fato de que muitos pais de adultos surdos, que freqüentaram a escola durante o

período oral, estão agora aprendendo a língua de sinais. Os meus pais, por exemplo, assistiram a aulas de língua de sinais já na idade adulta. Realmente, sinto-me alegre em poder finalmente compartilhar minha língua com eles.

Tendo vivido afastado da sociedade, nos clubes para surdos, os quais sempre foram os nossos abrigos seguros, estamos agora caminhando rapidamente na sociedade, mais orgulhosos do que nunca e com crescente autoconfiança. A nossa língua de sinais alcançou o mais alto *status* e é algo digno do nosso orgulho.

A pesquisa sobre a língua de sinais foi também valiosa para o desenvolvimento da nossa situação porque os pesquisadores não se limitaram unicamente à pesquisa, mas desempenharam parte ativa, com o seu conhecimento, nos assuntos concernentes à assistência do surdo e à nossa associação nacional. Eles trabalharam conosco politicamente pela nossa causa e isto foi de grande importância para nós. Eles participaram de várias conferências e encontros e compartilharam o seu conhecimento. Este trabalho foi de crucial importância para a reintrodução da língua de sinais na educação do surdo/ou de audição prejudicada e para o estabelecimento do bilingüismo das pessoas surdas. Eles também ajudaram a mudar as atitudes dos pais, dos professores de surdos e de outras pessoas, através de suas muitas palestras por toda a Suécia, fazendo com que a língua de sinais fosse encarada com mais respeito. O fato de terem eles tomado parte no que está acontecendo na comunidade surda deu-nos e continua a nos dar grande prazer.

A ASSOCIAÇÃO NACIONAL SUECA DO SURDO

Pode-se dizer com segurança que a pesquisa sobre a língua de sinais foi o fator que finalmente abriu por completo as portas da sociedade sueca para a nossa participação ativa. Mas o processo de tal abertura foi iniciado pela nossa Associação Nacional. Esforços infatigáveis para melhorar a situação das pessoas surdas e para reestabelecer a língua de sinais

criaram a instituição através da qual nós agora continuamos o nosso trabalho.

O mais antigo clube para surdos da Suécia foi fundado em 1868. Em 1922, todos os clubes juntaram-se para formar uma associação, a SDR de hoje. Os clubes para surdos locais constituem a Instituição sobre a qual a SDR repousa. Existem canais seguros entre os clubes e a associação, através dos quais, cada membro, individualmente, pode tornar conhecida para a associação a sua opinião. O comitê de associação nacional é eleito a cada três anos pelos representantes dos 47 clubes para surdos. A eleição realiza-se durante um congresso, onde são tomadas decisões visando quais os assuntos que a associação nacional deve dar prioridade durante o período compreendido até a próxima conferência. A SDR funciona de acordo com um programa de ação contendo nossos objetivos para um período de dez anos. Estes objetivos referem-se a áreas tais como cultura, trabalho nos clubes para surdos, assistência à criança, assistência à saúde, emprego etc. O plano é sancionado pelos clubes para surdos. A fim de promover este trabalho, a SDR possui muitas comissões para assuntos importantes tais como pré-escolar, escolar, cultura e assuntos sociais. Afiliadas à SDR estão também, entre outras, a Associação Sueca da Juventude Surda e o Conselho de Pensionistas Surdos.

A SDR é uma organização forte e enérgica e a sociedade não pode nem mesmo tentar negligenciar, sem que haja uma reação da nossa parte. Ela constitui também uma segurança para muitos dos clubes menores que não têm os recursos necessários para seguir os assuntos dos surdos efetivamente.

Através da SDR, há representantes surdos em muitas instituições públicas, tais como o Bureau Nacional para Educação, o Instituto Sueco para o Deficiente, a Escola de Educação para Formação de Professores de Surdos etc. A SDR é também membro do Comitê Geral das Organizações para o Deficiente, onde várias organizações do deficiente operam. A SDR também tem contatos úteis com alguns membros do governo, alguns dos quais têm filhos surdos e com alguns

membros do parlamento. Em nível local, os clubes para surdos são representados em várias instituições públicas. Esta rede de contatos, tanto ao nível nacional como local, possibilita-nos influenciar assuntos referentes ao surdo, da melhor maneira possível. Algumas vezes, surgem problemas com os representantes em todas as posições onde eles são necessários, mas isto é até agradável.

A CONSCIÊNCIA SURDA

Os surdos da Suécia e a nossa associação nacional nunca teriam se tornado tão fortes se não tivesse existido o período de “consciência surda”, quando passamos a confiar mais em nós mesmos. Este foi também o período em que iniciamos a nossa visão da língua de sinais sueca como uma língua adequada. Nós formulamos o nosso direito de existir como pessoas surdas e de sermos tratados com o devido respeito.

Antes de surgir a consciência surda, muitos de nós não havíamos compreendido a importância da nossa língua — não havíamos entendido que a língua de sinais é uma língua adequada, como qualquer outra. Como descreveu recentemente o Dr. Bergman, nós vivemos durante muito tempo sob uma opressão lingüística. E tal opressão formou a nossa visão de não sentir a nossa própria língua como adequada. A nossa visão da língua e o pobre conhecimento que dela tínhamos também contribuiu para a opressão. Conhecer a língua sueca era tido como o único caminho para “ser alguém”. Sem ela, nenhum de nós iria muito longe. Não era incomum que pessoas surdas com um bom traquejo do sueco fossem eleitas para vários postos no comitê do clube para surdos local, uma vez que elas eram consideradas mais capazes para transmitir à sociedade as opiniões dos seus membros. O domínio do sueco tornou-se uma espécie de “mérito” para ser eleito para o comitê. Isto, naturalmente, significava que as pessoas surdas não possuidoras de um bom conhecimento do sueco sentiam-se mais restringidas. E no ápice de tudo isto, havia as experiências diárias numa escola oral, que tendia a louvar apenas o

conhecimento do sueco. Assim, muitos surdos acabavam sentindo-se completamente sem valor. Era também muito comum medir a capacidade cognitiva das pessoas surdas avaliando-se o seu conhecimento do sueco. Assim, se o seu conhecimento desta língua era pobre, a sua capacidade mental era tida também como pobre. E vice-versa, se o seu conhecimento do sueco era bom, então sua capacidade mental era tida também como boa. Esta visão refletia-se na comunidade surda. Até mesmo entre nós estava presente a noção de que existia uma ligação entre o conhecimento do sueco e o talento.

A situação total era tal que muitos surdos limitavam-se a trabalhar dentro dos clubes para surdos e pouquíssimos trabalhavam politicamente. Durante muito tempo um pequeno grupo de pessoas trabalhou assiduamente no sentido de defender os surdos e a SDR contra a sociedade. Uma delas foi o nosso presidente honorário anterior, o Dr. Lars Kruth, citado pelo Dr. German no início desta palestra. Ele foi orador e representante da SDR, dirigindo vários departamentos desde 1951. Irá finalmente aposentar-se agora em novembro e dedicar-se-á ao trabalho com assuntos referentes a cidadãos idosos. Não fosse pelo Dr. Kruth, a SDR jamais teria alcançado a posição que tem hoje.

Voltemos, por alguns instantes, ao assunto relativo à opressão da língua. Conforme mencionei anteriormente, tal operação resultou na determinação de ser o sueco considerado como superior ao conhecimento da língua de sinais sueca e também como um indicativo de ser a pessoa, que o dominasse, mais talentosa. Quando o sueco sinalizado entrou em pauta, a situação tornou-se ainda pior. A língua de sinais sueca não foi mais considerada suficientemente boa. Muitas pessoas sentiam-se envergonhadas por saberem somente a “velha língua de sinais” e muitos surdos que não o sabiam, praticamente, desculpavam-se por isto. A opressão foi tão forte que eles até freqüentaram aulas para aprender a nova língua. Mas, o sueco sinalizado foi a última gota e daí desenvolveu-se a consciência surda. Alguns surdos compreenderam que a situação era into-

lerável e iniciaram uma campanha para uma mudança na visão da nossa língua e de nós mesmos: “a nossa língua de sinais é perfeita, as escolas para surdos estão erradas”; “o conhecimento do sueco não é tudo que importa”; “podemos fazê-lo, se assim desejamos”; “o conhecimento da vida é mais importante do que saber o sueco”; “as pessoas surdas também são dignas de respeito”; “nós temos a nossa própria cultura e ela é fantástica”. Estes são apenas alguns dos nossos conceitos que se espalharam por toda a Suécia. A pesquisa sobre a língua de sinais também ajudou a nos dar uma visão mais positiva da língua de sinais sueca. Cada vez mais, as pessoas surdas começaram a acreditar em si mesmas e em sua habilidade para se fazerem representar na sociedade. À proporção que nós começamos a funcionar politicamente, a SDR tornou-se mais forte. E, atualmente, quando mais pessoas estão lá para dividir a carga, uma coisa segue-se a outra. Mais surdos começaram a trabalhar, não apenas em várias comissões dentro da associação nacional como também são nossos representantes em várias instituições públicas.

Hoje em dia, as pessoas surdas têm o seu lugar na Suécia. Temos a nossa própria identidade e sabemos quem somos, e a língua de sinais sueca é aceita.

Antes de continuar, gostaria de referir-me a uma viagem de barco inesquecível da qual tomei parte, durante a campanha para a consciência surda: a SDR havia fretado uma barca para uma excursão, partindo do continente até uma ilha na costa este, onde nós iríamos promover um encontro para discutir a respeito da consciência surda. Cerca de 500 pessoas estavam reunidas para a viagem, a qual deveria durar, aproximadamente, dez horas. Mas, de repente, surgiu um temporal, com enormes ondas e com tudo voando dentro do barco. Era necessário encontrar proteção, e a viagem acabou durando umas 24 horas. O plano original previa um entretenimento na barca, antes do encontro na ilha. Mas graças à tempestade, o entretenimento foi seguido de debates sobre a vida das pessoas surdas e sobre a língua de sinais. Falamos uns para os

outros acerca das nossas experiências, principalmente negativas, como pessoas surdas numa sociedade de ouvintes. Houve argumentos a favor da língua de sinais sueca e contra o sueco sinalizado. A viagem evoluiu para uma forte manifestação da consciência surda, com um forte sentimento de solidariedade dentro do grupo. As pessoas diziam que: Ser surdo é “legal”, a língua de sinais sueca é bonita, as pessoas surdas são peritas nos assuntos relativos ao surdo, devemos ser responsáveis por estes assuntos, atualmente etc. Foi uma experiência fantástica. Ela fez todos nós mais fortes. Tornei-me mais forte e eis-me aqui agora.

COOPERAÇÃO E LUTA CONTRA A INTEGRAÇÃO

Discutirei agora a terceira pedra fundamental — a cooperação. Como mencionei anteriormente, a cooperação entre a SDR e a pesquisa sobre a língua de sinais é muito importante. Mas também temos cooperação proveniente de outro parceiro, que tem sido igualmente de grande importância para o surdo — a organização dos pais das crianças surdas. Juntos trabalhamos no sentido de impor algumas das nossas idéias. Um exemplo desta cooperação é a luta contra a integração das crianças surdas nas escolas para crianças ouvintes.

Se a cooperação com os pais das crianças surdas não tivesse tido início, provavelmente não haveria escolas para surdos nos dias de hoje na Suécia. Os primeiros anos da década de 50 viram o início da idéia de que crianças surdas deveriam ser colocadas em escolas para crianças ouvintes. O equipamento audiológico foi grandemente melhorado e as crianças surdas estavam sendo agora diagnosticadas como tendo “audição residual”. Considerou-se possível a comunicação com elas através da fala por meio de ajuda técnica. E achou-se que o melhor ambiente para assim proceder seria o das escolas para ouvintes. A princípio, elas eram colocadas em grupos, mas, posteriormente, tornou-se mais comum que uma criança surda fosse colocada no grupo das crianças ouvintes.

Primeiramente, este processo foi chamado “normaliza-

ção”. As pessoas surdas deveriam ser normalizadas, como se ser surdo significasse não ser normal. As crianças surdas deveriam ser ensinadas a se comportarem como as pessoas ouvintes, e não como pessoas surdas, que, com suas sinalizações, eram vistas como diferentes e divergentes do normal. Então, a normalização foi redenominada integração. As pessoas surdas não deveriam isolar-se e formar o seu próprio grupo — era o que se dizia. Elas tinham que tornar-se parte da sociedade. Acreditou-se que este objetivo seria mais facilmente alcançado, quando iniciado em escolas para ouvintes.

Foi um sinal dos tempos: pessoas deficientes não deveriam ser tratadas como deficientes, nem segregadas em instituições especiais. Elas deveriam ser tratadas como “normais”, freqüentar escolas comuns e levar uma vida normal na comunidade, como as demais. Escolas especiais para o deficiente eram tidas como uma escola segregada e deveriam ser atualmente abolidas. Todos os grupos envolvidos, exceto nós — os surdos — apoiaram esta ambição — que era vista como algo nobre. E, como os surdos não apoiaram a nova idéia, dizia-se que nós não sabíamos o que era melhor para nós. Ninguém podia compreender porque nós queríamos manter escolas segregadas para o surdo. A integração tornou-se prestigiada e a segregação, algo feio. Muitas escolas especiais para o deficiente foram fechadas e as escolas para surdos também foram.

Naturalmente que os pais não se opuseram a esta idéia de integração. Isto significava que o seu filho poderia permanecer com eles, ao invés de ser enviado para a mais próxima cidade com escola para surdos. Uma vez que as crianças surdas cresceriam e viveriam em uma sociedade de ouvintes, considerava-se melhor que elas a isto se acostumassem o mais cedo quanto possível. Existiam promessas no sentido de que toda a assistência lhe seria dada e que, portanto, nada lhe faltaria para a sua instrução. Não é pois de admirar-se que os pais estavam muito felizes e contentes com esta oferta generosa da sociedade. Ninguém realmente levou em consideração o fato de como as crianças iriam se sentir, até ser tarde demais.

Mas nós pensamos acerca do bem-estar das crianças surdas. Compreendemos as conseqüências desastrosas da integração num estágio inicial do processo. Diferimos dos outros grupos de deficientes no que diz respeito a uma coisa que é de suma importância para o sucesso da integração: nós não podemos nos comunicar através da audição, o que todos os outros podem. A nossa comunicação tem de apoiar-se na língua de sinais e esta é a razão pela qual nos opusemos à integração. Se a integração deve ter sucesso, toda a comunicação tem de ser pelo sinal. Não há curtos-circuitos, algo que os defensores da integração não haviam admitido.

O nosso ponto de vista era o de que se as crianças surdas deveriam desenvolver-se como as demais crianças, estão somente usando uma outra língua — a língua de sinais — deveria lhes ser permitido freqüentar uma escola para surdos. Uma escola para surdos, com um ambiente de sinalização, seria como qualquer outra escola. Não haveria diferença na instrução e no relacionamento, fora o fato de que tudo seria baseado na visão e não na audição. Num ambiente de sinalização, as crianças surdas poderiam desenvolver-se conjuntamente. Haveria crianças surdas de todas as idades, assim como adultos surdos, que lá trabalhassem. A presença de tais adultos é importante, uma vez que a criança vai encontrar modelos de tarefa e uma identidade numa sociedade de ouvintes. Num grupo de outras pessoas surdas, as crianças podem sentir que são exatamente como as demais, com suas vantagens e desvantagens. O fato de não serem capazes de ouvir torna-se algo periférico e de menor importância. Elas vêem e usam a língua de sinais em várias situações com seus companheiros e com os adultos. Elas desenvolver-se-ão como pessoas surdas e encontrarão sua identidade, uma identidade que corresponde às suas próprias necessidades e exequível para o seu próprio viver.

Se as crianças surdas fossem colocadas em escolas para crianças ouvintes, elas não teriam acesso a tudo que foi descrito acima. O ambiente de sinalização seria diluído ou não existente. A criança seria rodeada apenas por crianças ouvintes.

tes, ou com um pouco de sorte, por poucas crianças surdas. Constantemente comparada com as crianças ouvintes e com o que estas podem fazer com a sua audição, a criança surda parecerá um estorvo. Será difícil encontrar modelos de tarefa e uma identidade para viver. E a busca por modelos de tarefa surdos terá de continuar por muito tempo, depois de terminada a escola.

Não foi tarefa fácil convencer os pais de que seus filhos surdos necessitavam de uma escola especial com um ambiente de sinalização. Confrontados com a escolha entre ter de enviar seus filhos para uma escola distante ou ter de mantê-los em casa, eles simplesmente escolhiam esta última. Quando tentávamos argumentar, diziam que estávamos tentando separar os filhos dos pais. Chegou-se a dizer que nós negávamos à criança surda a oportunidade de acostumar-se a viver dentro de uma sociedade de ouvintes. E que esta, por não viver entre os ouvintes desde criancinha, estaria também lhe sendo negada a oportunidade de aprender a falar e escrever o sueco. Éramos vistos como conservadores, e dizia-se que queríamos manter as escolas para surdos por razões de nostalgia. Resumindo: dizia-se que estávamos negando às crianças surdas o direito de viver em uma sociedade de ouvintes.

Mas era exatamente o contrário. As escolas para surdos com o seu ambiente próprio de sinalização dariam às crianças surdas um lugar onde elas poderiam construir os seus recursos mental e espiritual em paz e tranquilamente, como qualquer outra criança. Isto lhes daria força para viverem satisfatoriamente suas vidas quando adultas numa sociedade de ouvintes, com a segurança inerente por terem encontrado sua própria identidade e seu papel na sociedade.

Aos poucos, começamos a convencer os pais de que os surdos eram importantes e dignos para lutar. Hoje, cada vez mais pais enviam seus filhos para as escolas para surdos, e muitos pais mudam-se juntamente com os filhos para uma cidade onde existe tal escola. Deste modo, conseguimos fazer

parar o avanço da integração, e as escolas para surdos continuam a ter o direito de existir.

Hoje, nós cooperamos em muitos assuntos relativos às crianças surdas e nos complementamos mutuamente, de modo satisfatório. Somos uma força difícil de ser relegada pela sociedade.

A cooperação com os pais e a pesquisa ajudaram-nos a fazer o nosso trabalho político mais facilmente e menos solitariamente. Os resultados do nosso trabalho vieram numa sucessão muito rápida, haja vista a decisão parlamentar já mencionada e o novo currículo das escolas para surdos.

Um número crescente de pessoas com audição comprometida está começando a questionar a sua própria escolarização, sendo individualizado ou em grupo. Elas estão pedindo o direito de aprender a se comunicarem na língua de sinais, algo que anteriormente não era oferecido, e que a língua de sinais seja também utilizada no processo de ensino. Juntos e também com os pais estamos atualmente discutindo um modelo para futuras escolas para surdos/e de audição prejudicada. A língua de sinais será o principal meio de comunicação, e o bilingüismo, a ideologia predominante. Neste projeto específico, assim como em outros assuntos, também cooperamos com a organização de professores do surdo.

As três associações nacionais também formaram a sua própria comissão para examinar o campo relativo aos implantes de cóclea. Nós necessitamos ainda de conhecimento do assunto para que possamos tomar parte ativa na questão.

BILINGÜISMO:

A LÍNGUA DE SINAIS SUECA E O SUECO

Falarei agora a respeito da melhor coisa que já aconteceu para as pessoas surdas na Suécia, algo que me faz muito feliz em compartilhar com vocês: o bilingüismo das pessoas surdas. Com o bilingüismo, sentimos que estamos finalmente começando a alcançar o nosso objetivo — tornarmos-nos cidadãos

iguais e desempenharmos parte ativa em qualquer assunto dentro da sociedade.

Explicarei em que consiste este bilingüismo e o que ele representa, uma vez assegurado o seu desenvolvimento. Significa que as pessoas surdas, conforme foi deliberado na decisão parlamentar, serão fluentes, tanto na língua de sinais, como no sueco, não apenas entre si mesmas, como também na sociedade. O bilingüismo do surdo não constitui nada novo em si mesmo. A comunidade surda sempre foi bilíngüe, no que diz respeito ao uso do sueco paralelamente com a língua de sinais sueca. Isto é tanto mais evidente, quando se observa o trabalho nos clubes para surdos: notícias, cartas, minutas, cartas às autoridades, o uso de TTY* etc. O boletim foi uma confirmação da nossa situação lingüística: a comunidade surda é bilíngüe.

De acordo com o Currículo Escolar Especial, de 1983, assegurar às crianças surdas um desenvolvimento do bilingüismo significa que lhes deve ser dada a oportunidade de aprender tanto a língua de sinais sueca, quanto o sueco. Isto é o que o currículo afirma com relação ao bilingüismo e às duas línguas:

“A língua de sinais e o sueco são línguas independentes. O bilingüismo referente ao surdo e a muitos alunos com perda auditiva não é absolutamente comparável a outro bilingüismo. O bilingüismo do surdo é monocultural, uma vez que ambas as línguas transmitem essencialmente a mesma cultura.

O bilingüismo não ocorre espontaneamente. A língua de sinais é aprendida natural e espontaneamente, como parte do desenvolvimento geral da criança, no ambiente em que ela é usada; já a aquisição da segunda língua — o sueco — depende mais de instrução.

* N. do tradutor do inglês: Não sabemos o significado desta sigla.

As duas línguas — a língua de sinais e o sueco — desempenham funções diferentes para o aluno. A língua de sinais é o principal meio que o aluno possui para adquirir conhecimento e é a língua por ele usada na comunicação direta com os outros. É por meio da língua de sinais e através dos contatos com os pais e outras pessoas que o aluno se desenvolve social e emocionalmente. O sueco tem principalmente a função de uma língua escrita, mas a leitura labial e a fala, naturalmente, são também elementos importantes nesta questão.

Durante o processo de ensino, nomes e contextos que são importantes para que o aluno assimile o conteúdo das passagens da leitura devem ser dados tanto na língua de sinais, como no sueco. A informação relativa à língua sueca, contudo, não precisa ser tão proeminente, a ponto de relegar a segundo plano o conteúdo do assunto ensinado.

A aprendizagem do aluno no tocante à linguagem deve ser apoiada por comparações entre as várias expressões lingüísticas da língua de sinais e do sueco e devem estar baseadas na linguagem, sendo um recurso usado para trabalhar as percepções, experiências, conhecimento etc.” (pp. 6 - 7)

Gostaria de aproveitar a oportunidade para salientar que o conteúdo do texto acima, assim como o resto do Currículo Escolar Especial é algo ao qual chegou-se após discussões em uma comissão, da qual pessoas surdas fizeram parte. Esta é uma das razões pela qual a descrição do bilingüismo das pessoas surdas, e como atingi-lo, corresponde ao nosso ponto de vista referente ao assunto.

O Currículo Escolar Especial afirma que a instrução na língua de sinais e no sueco deve estar baseada naquilo que os alunos já adquiriram.

“A linguagem de uma pessoa está intimamente ligada à sua personalidade e situação de vida. Se tal conexão é prejudicada, o desenvolvimento da linguagem é bloqueado. Um objetivo importante no ensino da língua de sinais e do sueco, portanto, é fortalecer a autoconfiança dos alunos, de modo que

eles tenham a coragem para se expressarem e para defenderem suas opiniões. O trabalho deve, portanto, basear-se na língua e na experiência que os alunos já tenham adquirido.” (pp. 7 - 8)

No tocante a alunos surdos, isto implica em iniciar-se partindo da língua de sinais, mas também fazendo-se uso de qualquer conhecimento do sueco que eles possam ter adquirido.

O objetivo do ensino da língua de sinais e do sueco, de acordo com o Currículo Escolar Especial, consiste em:

“Por ocasião da sua saída da escola obrigatória, os alunos devem ter conseguido a confiança para se expressarem nas situações lingüísticas com as quais se defrontam na família, com seus amigos, em agremiações livres, no trabalho e na educação subsequente. Eles devem ter tido a oportunidade para encontrar e usar a língua escrita oficial. A eles deve ter sido dado preparo para que possam ler suficientemente bem para terem uma base sólida para a aquisição de conhecimentos, informações e experiências, através de jornais e periódicos, trabalhos especializados e obras de ficção e não-ficção.” (p. 8)

O objetivo é dar às crianças surdas uma base mais ampla de conhecimentos, conceitos e língua, nunca anteriormente dada.

Elas terão uma base mais sólida para construírem as suas vidas após a escolarização e uma autoconfiança mais forte. A vida de uma pessoa surda será mais semelhante à de uma pessoa ouvinte.

O ESTUDO DA LÍNGUA DE SINAIS

Na escola, os alunos devem receber instrução na disciplina “língua de sinais”. De acordo com o Currículo Escolar Especial, a instrução deve abranger os seguintes aspectos da linguagem:

“Os alunos devem desenvolver a habilidade em atingir as

condições de outras pessoas, compreender os seus propósitos e adaptar a sua própria linguagem e comportamento às necessidades dos diferentes contextos. Eles devem aprender a estudar as opiniões e valores de outras pessoas, assumir as suas próprias e submeter os seus próprios argumentos e os de outras pessoas a um escrutínio crítico. Os alunos devem também adquirir conhecimento da estrutura e gramática da língua de sinais. Devem aprender as regras que se aplicam a diferentes situações da conversação e devem também aprender que tais situações são influenciadas e melhoradas.

Ao fazer gravações em vídeo, os alunos devem aprender a documentar e transmitir informações e atividades culturais. É importante que os alunos pratiquem a utilização de intérpretes em várias situações.

Eles devem também adquirir conhecimento do alfabeto de sinais internacional e da língua de sinais de outros países, especialmente dos países nórdicos. Informação a respeito de organizações nacionais e internacionais do surdo deve também ser incluída.” (pp. 9 - 10)

O ESTUDO DO SUECO

O objetivo da instrução na Suécia é fazer com que os alunos aprendam a ler e escrever o sueco, por meio da língua de sinais. E como isto será possível?

No que diz respeito à leitura, o Currículo Escolar Especial determina o seguinte:

“A leitura é um dos meios mais importantes para dar aos alunos conhecimento da língua sueca e torná-los conscientes da importância da língua escrita, como um meio de aumentar o seu conhecimento.” (p. 11)

Os alunos receberão explicações e descrições na língua de sinais a respeito de como a língua sueca está estruturada, quais as suas regras gramaticais etc. Após a leitura de textos em sueco, os alunos recontarão o seu conteúdo na língua de

sinais, mostrando assim ao professor que eles o entenderam. E se forem capazes de fazer isto, poder-se-á, então, argumentar que eles aprenderam a compreender e interpretar bem os textos, incluindo todas as implicações e nuances. Se surgirem problemas, o professor intervirá com explicações e traduções na língua de sinais. Não é uma questão de leitura mecânica de textos, como é freqüentemente comum no sistema escolar para ouvintes. A abordagem bilíngüe dá aos alunos a oportunidade para tentarem interpretar um texto que eles tenham lido e, em seguida, recontá-lo na língua de sinais. Quando o professor estiver certo de que os alunos compreenderam o conteúdo do texto, ele, então, o explorará, usando a língua de sinais para discutir as suas estruturas lingüísticas. A leitura poderá ser vista como um instrumento através do qual os alunos organizam o conhecimento do sueco que eles gradativamente adquiriram e que, ao mesmo tempo, demonstra os vários modos de expressão existentes no sueco.

A escrita é também mencionada no Currículo Escolar Especial:

“Os alunos devem aprender a usar a escrita como um meio de entrar em contato com outras pessoas. Eles devem relatar, informar e descrever, através de cartas, murais de informação e posters; transmitir notícias ou debater situações e problemas, com o objetivo de exercer influência e trazer melhorias. Eles devem refletir e especular a respeito de experiências pessoais, escrevendo poemas, diários, cartas, narrativas, contos etc.” (p. 14)

A escrita dá aos alunos a oportunidade de colocar em prática o seu conhecimento. Eles praticam ao se expressarem, aplicando as regras gramaticais que aprenderam: as regras de soletração, flexão, estrutura de frases, escolha de vocabulário etc. Se alguma coisa não estiver correta, receberão as explicações na língua de sinais, com relação ao que está errado e porquê. Os alunos podem escrever a respeito das suas próprias

observações, experiências, fantasias etc. O aprendizado da escrita deve estar baseado em suas próprias experiências, fazendo com que eles se sintam os próprios criadores dos textos. O professor apenas os ajudou corrigindo os erros de gramática e explicando outros problemas lingüísticos. Isto não é um exercício mecânico como o método comum usado para ouvintes, que consiste em deixar que os alunos copiem as frases já feitas do professor. Com esta abordagem bilíngüe, os alunos constroem as frases e o professor os auxilia com o conhecimento gramatical.

O ESTUDO DA FALA

A fala constitui um aspecto complementar do bilingüismo das pessoas surdas e o seu ensino deve ser ministrado através do ensino da pronúncia, baseada no conhecimento do sueco que os alunos adquiriram. O Currículo Escolar Especial determina o seguinte:

“Os alunos devem adquirir um conhecimento básico das funções da fala, da leitura labial e dos órgãos da fala.

O ensino da pronúncia constitui parte do ensino do sueco e deve estar baseado nas aptidões do aluno, deve ter objetivos individualizados e deve partir dos conceitos e linguagem que o aluno já tenha dominado.

É importante que outros aspectos do ensino, tais como a leitura de textos visando ao seu conteúdo, não sejam combinados com a prática da pronúncia.” (pp. 16 - 17)

A prática da pronúncia deve ter como objetivo, durante o ensino, pronunciar palavras e frases suecas que já tenham sido aprendidas no decorrer das lições de língua. É mais fácil dominar a pronúncia de palavras e frases cujo significado é compreendido do que repetir palavras de significado desconhecido. Deve ser permitido aos alunos trabalhar as unidades rítmicas da fala. O ensino da fala, como qualquer outro ensino, deve ser ministrado na língua de sinais. Um objetivo razoável no treinamento da fala, e perfeitamente possível a todos os alunos,

é fazer com que eles sejam capazes de transmitir as suas necessidades básicas: solicitar alguma coisa — um jornal, uma passagem aérea, dizer a alguém que não está se sentindo bem, etc.

Para desenvolver tal habilidade mais tarde, é necessário que ela esteja baseada na aptidão individual.

OBSERVAÇÕES FINAIS SOBRE O BILINGÜISMO

O desenvolvimento das crianças no que diz respeito ao bilingüismo pode ser visto como um modelo que consiste de muitos passos (ou etapas) em que, cada novo passo, apóia-se no anterior. O primeiro é a língua de sinais. Ela é adquirida natural e espontaneamente no seu ambiente próprio. O conhecimento cognitivo, social e emocional das crianças surdas será valorizado através do uso da língua de sinais sueca na comunicação direta com os pais e outras pessoas que as rodeiam. A língua de sinais será o instrumento principal para a aquisição de conhecimentos. O próximo passo é aprender a língua sueca. Este aprendizado deve estar baseado na língua que a criança já adquiriu — a língua de sinais. Estes dois passos formarão, conjuntamente, o fundamento sobre o qual será assegurado à criança um desenvolvimento do bilingüismo. A fala, o terceiro passo, dará à criança uma oportunidade a mais para comunicar-se com os que a rodeiam, em situações nas quais a língua de sinais não pode ser usada. A fala deve ser vista como um aspecto complementar do bilingüismo e o seu ensino deve estar baseado no conhecimento do sueco que a criança já adquiriu. Os vários aspectos do bilingüismo da criança surda devem desenvolver-se nesta ordem.

NÓS ESTAMOS LENTAMENTE CHEGANDO LÁ

Com o bilingüismo, nós, finalmente, seremos capazes de atingir o nosso objetivo: tornarmo-nos cidadãos iguais se to-

* O parêntese é nosso (N. do T.)

marmos parte ativa no desenvolvimento da sociedade. Dominando tanto o sueco como a língua de sinais sueca, as pessoas surdas terão a habilidade de influenciar e controlar a sua própria situação. Com um serviço adequado por parte da sociedade, tal como um número significativo de intérpretes da língua de sinais, as pessoas surdas serão absolutamente iguais às pessoas ouvintes, na sociedade. Seremos capazes de crescer dentro da sociedade, em níveis aos quais não estamos acostumados, não apenas politicamente, mas também, em outras carreiras. Pode estar um tanto longe, mas não é utopia. Os muitos empregos e profissões diferentes que enumerei no início são um exemplo deste desenvolvimento, e eles apenas acabam de começar. A vida à margem da sociedade, que foi a que tivemos durante séculos, tornar-se-á apenas uma leve lembrança.

Quando olhamos para as crianças surdas de hoje, sentimos o vislumbre de como será o futuro. Elas são como quaisquer outras crianças, apenas utilizam uma língua diferente. Você pode discutir qualquer tipo de coisas com elas: o perigo de dirigir uma motocicleta, poluição, astros da música pop, se os ovos da Áustria e da Suécia têm gosto diferente, que tipo de história em quadrinhos elas lêem e muitos outros assuntos. Elas emitem suas opiniões acerca de muitos assuntos, ainda muito jovens, algo que costumava ser inconcebível. Aquilo que nós aprendemos a utilizar durante um período de dez anos no sistema escolar para ouvintes, as crianças de hoje já sabem quando iniciam a escolaridade. No primeiro grau, algumas crianças já são capazes de escrever suas próprias frases. Talvez não gramaticalmente corretas, mas com conteúdo. Um número crescente de alunos utilizam material escolar comum, ao invés do material adaptado para as escolas para surdos. Elas são mais confiantes quanto ao uso do sueco. O que irá acontecer quando tais crianças saírem da escola é algo que apenas podemos imaginar. Mas haverá grandes mudanças, e disto tenho certeza.

Muito embora o que aprenderam não seja nada realmen-

te extraordinário — são crianças comuns utilizando uma língua diferente — quase me fazem chorar toda vez que as encontro e testemunho todas as coisas que sabem e podem fazer. Mas, ao mesmo tempo, um sentimento de raiva contra os oralistas — pelo que eles nos causaram, por todas as coisas que tivemos arruinadas por causa deles — também toma conta de mim. Um dos piores atos cometidos contra nós foi aquele de nos ter sido negada a língua de sinais. Contudo, causa-nos alegria ver as crianças surdas de hoje em maior grandeza — ver o acerto da Suécia em reconhecer a língua de sinais sueca como a língua das pessoas surdas — a NOSSA língua.

O QUE RESTA A SER FEITO

Tivemos uma longa caminhada até os nossos objetivos, mas há muito ainda a ser feito antes de nos sentirmos completamente satisfeitos. Em novembro de 1989 decidiremos o nosso novo programa de ação para os próximos dez anos, a partir de 1990. É uma versão revisada do antigo programa, decidido em 1979. Está sendo atualmente discutido, entre as pessoas surdas, um esboço do programa de ação. Ele contém sugestões de pedidos relativos a medidas a serem tomadas nas áreas de: língua de sinais, mercado de trabalho, educação, amparo à criança, clubes para surdos, assuntos internacionais, cultura, serviço social, assuntos de família, serviços de intérpretes a auxílios técnicos, mídias e técnicas de informação.

Gostaria de dar alguns exemplos de algumas das coisas que estamos pedindo, dando uma sugestão para com o que ainda não estamos satisfeitos. Fora o trabalho contínuo em prol de uma escola bilíngüe para o surdo, com a língua de sinais como língua principal e expansão continuada do número de unidades de pré-escolar, com uso da língua de sinais, também sugerimos que a população surda seja reconhecida como uma minoria cultural e lingüística. A história e cultura da população surda devem ser incluídas no currículo das escolas para surdos. Pedimos o estabelecimento de centros regionais da língua de

sinais e licenciatura na língua de sinais sueca. Deve ser também criado um centro cultural. Os filhos ouvintes de pais surdos e crianças ouvintes com irmãos ou irmãs surdos devem ter o direito de estudar, na escola, a língua de sinais sueca. Os pais ouvintes de crianças surdas devem ter o direito de frequentar cursos etc., relacionados com os seus filhos, com pagamento total por conta do seguro social.

CONCLUSÃO

Espero que a minha apresentação tenha descrito para vocês “O modelo sueco” e que tenha sido capaz de transmitir como é a nossa situação e como nós a obtivemos. O que conseguimos está baseado nas três pedras fundamentais que mencionei: a nossa associação nacional que lutou contra a sociedade pelas causas das pessoas surdas; a pesquisa sobre a língua de sinais que mostrou que a língua de sinais é uma língua e que levou ao reconhecimento oficial da língua de sinais sueca; e, finalmente, cooperação, principalmente por parte dos pais das crianças surdas, que assegurou o futuro das escolas para surdos e o futuro das crianças surdas. Gostaria de terminar esta apresentação com um lema, o qual eu sinto expressar o que nós fizemos. É o seguinte: “Unidos, permanecemos de pé; divididos, caímos.”